

O pior incêndio dos últimos 20 anos

■ Fogo, provocado por queda de balão, destrói 13 hectares do Parque da Tijuca

A época das festas juninas é sempre um pesadelo para o Corpo de Bombeiros. E este ano, a situação está mais crítica, principalmente no Parque Nacional da Tijuca. Com quatro focos de incêndio, provocados pela queda de balões, uma área de 13 hectares foi destruída pelas chamas. É a maior área devastada pelo fogo nos últimos 20 anos. Para tentar controlar a situação, o Grupamento Florestal irá deslocar hoje mais 100 homens para combater as chamas. Ontem, devido à comemoração do Dia de São João, os bombeiros receberam 128 chamados para controlar incêndios provocados por balões.

De acordo com o sub-comandante do Grupamento Florestal, major Fábio Meirelles, a tentativa de apagar o fogo pode afetar o abastecimento de água na cidade. "É preciso conscientizar a população para que isso não ocorra. Pela localização das chamas, não há outra causa do incêndio além dos balões", comentou.

O major explica que o número de focos começa a crescer conforme começa o período de festas juninas. "Ontem (sábado) foi dia de São João e aconteceu isso. O pior é que ainda falta um santo", acrescentou, referindo-se a comemoração pelo dia de São Pedro, em 29 de junho.

Sessenta bombeiros atuaram, ontem, em pontos da Pedra da Gávea, do Vale dos Ciganos, próximo à estrada Grajaú-Jacarepaguá e no Morro da Anhanguera - todos localizados dentro da área do Parque. Durante a

madrugada, outros 30 homens se revezaram para controlar as chamas. "O nosso maior problema é como ter acesso ao fogo. A pior situação é na Pedra da Gávea. Teremos que deslocar as equipes em helicópteros", adiantou o oficial.

Na terça-feira, um incêndio na encosta da Pedra da Gávea, próximo ao Itanhangá, mobilizou 15 soldados dos quartéis da Gávea e Alto da Boa Vista, além da Coordenadoria Geral de Operações Aéreas (Cegoa). No local foram encontrados partes de um balão que teria provocado o incêndio. Para controlar as chamas, o helicóptero da Cegoa despejou 25 mil litros de água retirados da Lagoa da Tijuca.

Só em junho, o Corpo de Bombeiros registrou quase 600 incêndios em matagais e áreas de proteção ambiental. O número representa mais de 50% dos 1.067 registros feitos de janeiro a maio.

Além dos balões, os bombeiros acham que as condições atuais da vegetação também favorecem a propagação do fogo. O Rio passa, de acordo com o Instituto de Meteorologia do Rio, por um período de pouca chuva, o que favorece o surgimento de focos de incêndio, o que tem ocorrido com uma certa frequência nos últimos dias. As plantas, em grande parte, estão secas e pouco úmidas, explicou o tenente Hélio Lima, do Grupamento Florestal, que comandou o combate ao fogo nas proximidades da estrada Grajaú-Jacarepaguá.



Bombeiros lutam contra chamas do maior incêndio da história do Parque Nacional da Tijuca

Tragédia anunciada

Há apenas 17 dias, 400 dos 5.300 hectares da Reserva Biológica de Poço das Antas, a maior colônia de micos-leões-dourados do Brasil, já haviam sucumbido à ação do fogo, num incêndio que surgira em três focos, exigindo o trabalho de 72 bombeiros e dois helicópteros.

E não por acaso. Sem recursos, com apenas cinco guardas e com uma área vizinha ocupada até por grileiros, não é de hoje que o santuário ecológico de Silva Jardim vive em situação de completo abandono. Só no dia 7 de junho passado, quando as chamas já lambiam a mata, o Ministério do Meio Ambiente aprovou a liberação de R\$ 900 mil, para implantar um projeto de combate a incêndios nas unidades fluminenses de conservação - atitude que vinha sendo há tempos reclamada pelos ambientalistas.

O primeiro incêndio - que assustou ainda mais os funcionários do parque, ao se aproximar do habitat dos micos-leões - chamou a atenção para a crise que assola a reserva. Dionisio Pessamilo, gerente do Ibama no Rio, lembrou, na época, que a verba extra de combate a incêndios - R\$ 33 mil - havia chegado com um atraso de dois meses.

No dia seguinte, 8 de junho, quando o fogo ainda nem fora apagado em Poço das Antas, outro incêndio destruiu cerca de 60 hectares da Reserva Biológica União, que fica na BR-101, entre Casimiro de Abreu, Macaé e Rio das Ostras.

Carlo Wrede